

O CORPO ERÓTICO EM BERNARDO GUIMARÃES

Ana Maria Salvador (G-UFMS)
Rauer Ribeiro Rodrigues (UFMS)

RESUMO

Este trabalho faz uma leitura do pecado e da transgressão sexual no poema “O elixir do pajé”, de Bernardo Guimarães, tendo como referencial teórico conceitos de Bataille, em *O erotismo*, e por substrato a exposição sobre sexualidade elaborada por Marilena Chauí em *Repressão Sexual, essa nossa (des)conhecida*. O índio, em Bernardo Guimarães, figurativiza o erótico e, a ação do pajé se caracteriza por palavrões escrachados e por atitudes que o senso comum considera obscenas. Obra publicada em 1875, o poema de Bernardo Guimarães, segundo a historiografia do romantismo brasileiro, se contrapõe tematicamente à idealização da figura do índio e, em termos formais, faz singular paródia de poemas de Gonçalves Dias. O erotismo, na visão de Bataille, se dá através de transformações e movimentações corpóreas que excitam interiormente o homem, estando ligado à experiência e sendo condicionado pela transgressão: a experimentação erótica contém em si a experiência do pecado. Marilena Chauí apresenta o pecado original como a descoberta do sexo, explicando o pecado em duas faces: a primeira é o deixar-se seduzir, ou seja, a tentação, e a segunda é a queda, o distanciar-se para sempre de Deus. Nosso trabalho tem como pressuposto a concepção de que o sexo reafirma sem cessar que o homem é corpóreo e carente e mostramos como tal concepção é traduzida no poema de Bernardo Guimarães.

Palavras-chave: *transgressão; pecado; Elixir do pajé; Bataille.*

ABSTRACT

This study is a reading of sin and sexual transgression in the poem “O elixir do pajé” (The elixir of shaman), by Bernardo Guimarães, had as a theoretic concepts of Bataille, in *O erotismo* (The erotism), and substrate exposure about sexuality developed by Marilena Chauí into *Repressão Sexual, essa nossa (des)conhecida* (Sexual Repression, that our (un) known). The indian, in Bernardo Guimarães, show the erotic, and shaman’s action is characterized by dirty words and attitudes that common sense considers obscenes. Study published in 1875, the poem by Bernardo Guimarães, according to the historiography of brazilian romanticism, thematically opposed to the idealization of the figure of the indian and, in formal terms, make a unique parody poems by Gonçalves Dias. The erotism, in Bataille’s vision, occurs through bodily changes and movements that excite the man, being connected to the experience and being conditioned by transgression: erotic experimentation contens within it the experience of sin. Marilena Chauí presents original sin as the Discovery of sex, explaining the sin with two faces: the first is to be seduced, it means, temptation, and the second, is the fall, to distance themselves from God. Our study has how affirmation that the sex constantly reaffirms that the human has a body and needs and show how this concept is translated in the poem by Bernardo Guimarães.

Keywords: *transgression; sin; Elixir of the shaman; Bataille.*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe-se a uma breve análise do “**Elixir do pajé**”, poema de Bernardo Guimarães, a partir da perspectiva da desconstrução de um índio idealizado pela tendência literária romântica. Herói às avessas, o velho pajé, se destaca por ser o rompimento com as categorias literárias vigentes e por se tornar composição crítica ao autor Gonçalves Dias.

Baseando-se em variados poemas do Gonçalves Dias, Bernardo desconstrói não somente a exaltação e o valor do índio. Conceitos que demonstram a Deus, e da necessidade de tal presença no cotidiano indígena são quebrados, inserindo em questão o afastamento de Deus e a ocupação desse lugar celestial pelo desejo carnal.

A experimentação de tal desejo expõe a transgressão do interdito, e no momento da transgressão vem à tona a angústia, ou seja, a experimentação do pecado.

2. DESCONSTRUÇÃO DO ÍNDIO

O índio, em Bernardo Guimarães, figuratiza o erótico e exterioriza um velho pajé atormentado pela impotência. Tal pajé possuía “um caralho murcho, cabisbaixo, pálido e pendente olhando para o solo” que ao receber de modo misterioso uma gota do santo elixir, originário de longínquas terras, sente renascer os brios de seu velho chouriço. A partir deste feito, “ninguém mais via o velho pajé, que sempre fodia”. O pajé se caracteriza por palavrões escrachados, com comportamentos degradantes e por atitudes que o senso comum considera como obscenas. O poema, que era considerado imoral para os princípios da época, foi excluído do cânone romântico e reprimido assim a várias impressões clandestinas. A consequência da clandestinidade foi a popularidade. Publicada em 1875, o poema de Bernardo Guimarães, segundo a historiografia do romantismo brasileiro, se contrapõe tematicamente à idealização da figura do índio. O Romantismo nos leva ao contexto do processo de independência, que se encontra no índio a imagem que personifica e se projeta as idealizações do ser brasileiro. I-Juca- Pirama exprime a sublimitude e exalta a imagem do índio, que em Guimarães se torna alvo de divertida chacota, sendo a paródia construída a partir de variações métricas, rítmicas e pelo uso de linguagem vulgar, aparecendo termos como caralho, cu, putas e foder com grande frequência no poema. Tais palavras são explicadas por Bataille: “os nomes sujos do amor não deixam de ser menos associados, de uma forma estreita e irremediável para nós, a essa vida secreta que levamos ao lado dos sentimentos mais elevados.”(1987, p.129).

2.1 Pecados: a ausência de Deus

Marilena Chauí apresenta o pecado original como a descoberta do sexo, significando tanto como primeiro pecado quanto pecado da origem. Tal descoberta geraria o pecado que é explicado em duas faces: a primeira é o deixar-se seduzir, ou seja, a tentação, e a segunda é a violação de um interdito relativo ao conhecimento do bem e do mal. Estas faces, quando colocadas em prática, gerariam consequentemente efeitos. Primeiramente seria a descoberta da nudez, que, aliada a ela, traria o sentimento de vergonha de um lado e em outro, o medo da punição. Em segundo, a perda do Paraíso. Contudo, esta perda traz implícito em seu significado uma constante: de que o homem

perderia o posto que lhe foi entregue ”Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”(Gn1.26) Essa igualdade levantada pelo próprio Deus seria quebrada, dando lugar a sua expulsão do Paraíso, ou seja, para queda. A sentença recebida pelo homem no momento da queda afetou sua relação com Deus, tendo como resultado o afastamento de Deus, o tornar-se mortal (descobrir a morte), conhecer a dor, o sofrimento, a carência e a falta, além da perda de atributos divinos como: eternidade, infinitude, incorporeidade, auto-suficiência e plenitude. Essa ruptura entre o ser celestial e o homem é notória no Elixir quando se analisa que o termo Deus (no caso da religião do homem branco-civilizado) e Tupã (o Deus indígena) não aparece nem uma única vez, entretanto o que aparece é seu oposto, o demônio. /Foi ter com o demônio, a lhe pedir conselho para dar-lhe vigor ao aparelho/ (BATAILLE,p.52). Essa oposição aos conceitos colocados nos textos produzidos pelo seu alvo Gonçalves Dias, são perceptíveis quando em várias obras como “I-Juca-Pirama”, há a aproximação dos dois deuses. Quando o forte índio se vê aprisionado pela tribo rival pensando ser tal situação um fardo imposto por Deus–Tupã, faz dos seus rogos uma aproximação não só de discurso, porém também de atributos do ser soberano. A desconstrução de Gonçalves Dias é brilhantemente feita no poema de Bernardo já que ele o faz sem mencioná-lo e sem utilizar das caracterizações românticas. Canto do Piaga demonstra claramente a preocupação do índio ao clamar por Tupá, que por não atender aos seus chamados, permite a aproximação do perigo. A ausência do seu guardião facilita a entrada do mal. Mal que também é cantado em Deprecação, ”Tupã, ó Deus grande! Teu rosto descobre: bastante sofremos com tua vingança!” O Elixir traz essa distância de Deus de modo claro ao não apresentar a palavra Deus, mas também por seu índio não trazer ao poema a necessidade de aproximação de tal. O pajé Bernardino transfere esse lugar ocupado por Tupã para algo carnal, demonstrando onipotência humana, não padecendo de um ser superior. Seu martírio está na busca do preenchimento das suas necessidades corpóreas, deixando a mostra que não era qualquer tipo de posse que lhe satisfaria, mas a posse de um corpo, outra pessoa, um alguém viril. /Um cabaço! Que era este o único esforço, única empresa digna de teus brios; porque surradas conas e punhetas são ilusões, são petas, só dignas de caralhos doentios./ A virgem seria o seu objeto de desejo, intocada, inexperiente e com o desejo interior florescida.

2.2. Efeitos da queda: o desejo explícito nos poemas românticos

A perda do Paraíso ou queda acarreta ao homem a saída da realeza para um campo de relativa inferioridade. O sentimento criado é o de rebaixamento real e do qual produziria a descoberta do sexo como vergonha. Com esta humilhação o ser humano descobre o que é a corporeidade, possuir um corpo. ”Corporeidade significa carência (necessidade de outra coisa para sobreviver), desejo (necessidade de outrem para viver), limite (percepção de obstáculos) e mortalidade (pois nascer significa que não se é eterno, é ter começo e fim).” (BATAILLE, p.86). A

necessidade de outrem, a fraqueza de ser só e precisar ser preenchido pelo outro é trabalhada em G. Dias com uma perspectiva moderada. No poema Marabá a personagem é uma mulher, mistura de índia com homem branco, apesar de uma beleza colossal e minimamente detalhada, representa a amada intocada, que vive sozinha, chorando a espera do seu grande amor. A descrição minuciosa feita por seu autor demonstra peculiaridades da jovem a formar um erotismo comedido, metaforicamente prudente para os apreciadores do romantismo. Também é trabalhada a disposição da personagem em receber o amado, apesar da distância e da demora, o vazio dentro de si é o que lhe consome, em “Leito de folhas verdes”, /Por que tardas, Jatir, que tanto a custo À voz do meu amor moves teus passos?/. O sexo masculino também é exposto com seu amor não realizado, se encontrando na tristeza da solidão por ter caído de amores por uma mulher de olhos verdes, o qual a personagem nunca mais voltou a ver e por isso padeceu em sofrimento. “Olhos Verdes” mostra o sofrimento causado pela própria essência humana de não se sentir completo em si, mas de padecer no desejo de possuir outra pessoa.

2.3. Transgressão: a violação do corpo

Bataille expõe a visão de erotismo como transformações e movimentações corpóreas que excitam interiormente o homem, estando ligado à experiência e sendo condicionado pela transgressão. A este respeito Gina Valbão Strozzi afirma:

A verdade das interdições é a chave da nossa interdição humana. Elas não são impostas de fora. Isso nos aparece na angústia, no momento em que transgredimos a interdição, sobretudo no momento suspenso em que ela ainda atua, e no qual, contudo cedemos ao impulso a que ele se opunha. Se cedemos à interdição, se estamos a ela submetidos, dela não temos mais consciência. Mas experimentamos, no momento da transgressão, a angústia sem a qual a interdição não existiria: é a experiência do pecado. (STROZZI, p. 51)

O pecado do sexo é a nostalgia de transpor o abismo imposto pela queda do homem que através da atividade sexual é diminuída, nos levando ao reencontro dessa continuidade. “E ao som das inúbias, e ao som do boré, na taba ou na brenha, deitado ou de pé, no macho ou na fêmea, de noite ou de dia, fodendo se via o velho pajé!” A ausência do ser supremo exprime um vazio interior ao homem que precisa ser ocupado e esse ultrapassar a vontade divina é que rege o prazer humano com expõe José Paulo Paes:

O prazer encontra seu maior estímulo não na liberdade de perseguir até onde quiser os seus objetivos, mas no constante interdito de fazê-lo, o ‘interdito criador do desejo’ em que Bataille vê a própria ‘essência do erotismo’. (...) mas o interdito sempre andou de mãos dadas com o seu oposto, a transgressão, a qual, numa incoerência apenas aparente, serve exatamente para lembrá-lo e reforçá-lo: só pode se transgredir o que se reconheça

proibido. Esse jogo dialético entre a consciência do interdito e o empenho de transgredi-lo configura a mecânica do prazer erótico, (...). (PAES, 2006, p. 17)

B. Guimarães utiliza da crítica não só ao G. Dias, mas ao romantismo, fazendo no Elixir a construção do pecado intrínseco ao homem, da necessidade de transferência desse vazio e da sua infinitude a outro alguém, conseguindo essa proeza na consumação do ato sexual, tal ato é vislumbrado como proibido sendo então necessário transgredi-lo para o encontro do prazer.

3. CONCLUSÃO

Estudamos superficialmente conceitos de transgressão e pecado no poema Elixir do pajé, de Bernardo Guimarães. Este estudo abrange vários conceitos a serem trabalhados, propondo consequentemente um aprofundamento dos estudos. Pelo exposto, foi possível aguçar a curiosidade por maior conhecimento sobre o assunto, reiterando que este trabalho é inicial e que prosseguirá com suas pesquisas em busca de maior entendimento dos pensamentos propostos.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, G. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CHAUÍ, M. *Repressão Sexual: essa nossa (desconhecida)*. São Paulo : Editora Brasiliense, 1984.

CORRÊA, I. E. J. *O elixir do pajé de Bernardo Guimarães*. Cien. Let., Porto Alegre, 2006, p.83-120.

GUIMARÃES, B. *Poesia erótica e satírica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PAES, J. P. *Poesia erótica em tradução: seleção e tradução de José Paulo Paes*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

STROZZI, G. V. *Experiência erótica e religiosa em Georges Bataille*. Faculdade Teológica IV Centenário, 2007, p.51.

NASCIMENTO, M. A.

<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno10-07.html>

(acessado em: 16.10.10)